

Condensado de
THE MONTREALER
JOHN REDDY

Arthur Clarke: Profeta da Era Espacial

O mais célebre
escritor de ficção científica
explora constantemente
o mundo de amanhã.
Ele tem visto muitas
das suas fantasias
mais extravagantes
transformadas
em realidade

COMO O SATÉLITE de comunicações que êle foi o primeiro a conceber, Arthur Clarke, escritor de ficção científica e homem de muitos talentos, passa grande parte do seu tempo em órbita ao redor do globo. Uma semana êle pode estar fazendo pesca submarina à cata de tesouros submersos ao largo da Ilha de Ceilão, onde tem sua residência. Na semana seguinte pode estar em Washington assistindo à *première* do filme *2001: Uma Odisséia no Espaço*, cujo roteiro êle escreveu juntamente com o produtor-diretor Stanley Kubrick, ou no Rio para o Festival de Cinema. A outra semana pode encontrá-lo em Viena, numa Conferência das Nações Unidas sôbre a Exploração e Usos Pacíficos do Espaço Exterior, ou enfurnado num subúrbio de Londres para escrever sua mais recente história de ficção científica. Muito embora Clarke escarneça da idéia do moto-contínuo, êle próprio é o que mais se parece com isso.

Clarke não tem a aparência de um famoso sábio cuja cabeça não só está nas nuvens, mas virtualmente no espaço exterior. Franzino, de óculos, cabelos ruivos já rareando, lembra mais o obscuro contador britânico que era antes. Mas êste inglês de 51 anos de idade é dotado de uma energia e uma imaginação sobrecarregadas: apesar de seu vertiginoso programa de atividades, conseguiu, de alguma forma, escrever 40 livros dos quais foram vendidos 10 milhões de exemplares (em 30 línguas), bem como centenas de

artigos para revistas que variam de publicações científicas ao *Playboy*.

Inacreditável. Além do seu assombroso sortimento de outros talentos, Clarke é o profeta do espaço mais conhecido desde Júlio Verne, e adora condimentar suas espantosas predições com observações irreverentes. Entre os aperfeiçoamentos futuros que êle imagina em nossas vidas cotidianas estão: o fim do automóvel a gasolina (“Temos aplicações muito mais importantes para o petróleo do que queimá-lo”); uma dramática reversão da explosão populacional (“Não vejo nenhuma razão para que haja mais de alguns milhões de pessoas no planêta Terra”); a substituição da agricultura pela produção de proteínas de petróleo por meio da conversão microbiológica (“Não parece apetitoso... mas é assim que há séculos temos produzido vinho”); o aperfeiçoamento pela engenharia genética de animais quase inteligentes que servirão de criados (“Serão pelo menos tão competentes como grande parte da mão-de-obra que se pode contratar atualmente... e darão muito menos amolações”).

A História corrobora a afirmação de Clarke de que suas profecias aparentemente malucas são geralmente conservadoras. Em princípios da década de 1950, quando as viagens espaciais eram consideradas pura fantasia de ficção científica, êle predisse que o primeiro pouso na Lua teria lugar por volta de 1978. “Hoje”, reflete êle, “se eu resolvesse aceitar a data de 1978, seria extremamente

impopular com o pessoal da NASA (Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço).”

As maravilhas que Clarke já viu transformadas em realidade convenceram-no de que o Universo encerra uma inacreditável magia, e êle admite que profetizar mesmo algumas dessas maravilhas é um passatempo provocador. “A Natureza não revela seus segredos fâcilmente”, diz êle. “Ela sempre mostra ser mais rica, mais complexa, mais repleta de surpresas do que poderíamos possivelmente ter sonhado.”

Em Cima da Hora. Clarke predisse que o homem faria a viagem de ida e volta à Lua em 1968, e está disposto a apostar que os pousos nos planêtas mais distantes sucederão por volta de 1980. “Não é difícil se a gente não tiver nenhuma pressa”, diz êle no seu mais recente livro de não ficção, *The Promise of Space* (“A Promessa do Espaço”). Quanto aos vôos que levariam centenas de anos, êle oferece uma solução engenhosa para o problema evidente do envelhecimento: basta colocar óvulos e espermatozóides numa viagem e programar os computadores para uni-los uns 20 anos antes de a espaçonave chegar ao seu destino. Os embriões poderiam então, prossegue Clarke, ser dados à luz pelos processos já imaginados nos laboratórios atuais, e os bebês poderiam ser criados e ensinados—tanto em sua hereditariedade como em seu papel na vida—por atendentes-robôs.

Clarke acredita que quando o

homem se aventurar ao espaço infinito—talvez mesmo antes disso—encontrará vida inteligente. Diz êle: “Êsse contato poderá ser num único sentido, pelo descobrimento de ruínas ou artefatos, ou nos dois sentidos, por circuitos de rádio ou *laser*; poderá ser até face a face. Mas isso ocorrerá, e será o acontecimento mais assombroso de toda a história da humanidade.”

O que quer que esteja à nossa frente no espaço, Clarke acha que o homem *deve* insistir em explorar o Universo. “Estou um pouco cansado de ouvir a queixa: ‘Por que devemos ir aos planetas quando há tanta coisa para fazer aqui na Terra?’”, diz êle. “Havia muita coisa para fazer na Europa quando Colombo a deixou... e *ainda* há muita coisa para fazer lá. Mas a abertura do Nôvo Mundo libertou a mente dos homens do longo transe da Idade Média e alimentou as chamadas do Renascimento. Colombo estava em cima da hora. Penso que a espaçonave está em cima da hora.”

A mais famosa profecia de Clarke que se transformou em realidade é o satélite de comunicações. Pouco depois da Segunda Guerra Mundial, quando era um jovem oficial encarregado do posto de radar da Real Força Aérea da Grã-Bretanha, Clarke publicou numa revista de rádio britânica, chamada *Wireless World* (“Mundo sem Fio”), uma descrição exata de como três satéli-

tes terrestres em órbitas elevadas poderiam atuar como estações retransmissoras, levando mensagens de televisão e rádio ao mundo inteiro. Cada satélite teria de estar 35.000 quilômetros acima da Terra, escreveu Clarke, e o plano de cada um dêles teria de coincidir com o do equador. Viajariam a uma velocidade



Arthur Clarke, à direita, recebe de José Sanz, Coordenador do Simpósio de Ficção Científica do 2.º Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro, o Monólito Prêto, prêmio do júri do Festival em homenagem a Clarke pela sua contribuição para a ficção científica no cinema

de de aproximadamente 11.000 quilômetros por hora, completando uma volta em tórno da Terra cada 24 horas; uma vez que êsse é o período de rotação da Terra, os satélites, na realidade, pairariam imóveis sôbre o planeta. “É uma idéia absurdamente simples”, diz Clarke. “Mas a reação inicial foi zero.”

Vinte anos mais tarde, recorda Clarke, êle ficou sentado junto com o ex-Vice-Presidente Hubert Humphrey diante de um aparelho de te-

levisão para assistir em circuito fechado à colocação de um satélite cilíndrico de 38 quilos e meio, chamado "Early Bird" (Pássaro Madrugador), numa órbita de 35.890 quilômetros sobre o equador, com o que se inaugurou uma nova era em comunicações mundiais, justamente como êle havia previsto. Sua única recompensa em dinheiro por sua idéia revolucionária foi o pequeno cheque que recebeu por um artigo intitulado "Como Perdi um Bilhão de Dólares nas Minhas Horas Vagas". A propósito, foi o satélite de comunicações que permitiu aos povos ao redor do mundo verem pela televisão os vôos espaciais das naves Apolo 8 e 9.

Fanáticos Inexperientes. Arthur Clarke interessa-se pela ciência desde os 10 anos de idade, quando seu pai, um agricultor do Condado de Somerset, deu-lhe de presente algumas figurinhas de uma série que representava animais pré-históricos e que vinham dentro dos maços de cigarros da época. O jovem Arthur passou logo da Paleontologia para a Astronomia e construiu êle próprio um pequeno telescópio com um canudo de papelão e um par de lentes. "Passava as noites fazendo um mapa da Lua", recorda êle, "até que fiquei sabendo orientar-me nela muito melhor do que no Condado de Somerset."

O momento mais memorável da adolescência de Arthur foi aos 13 anos, quando lhe aconteceu encontrar alguns exemplares das revistas

Amazing Stories ("Histórias Extraordinárias") e *Astounding Stories* ("Histórias Espantosas"). "Durante anos colecionei cada exemplar que me caía nas mãos", diz êle com saudade. "Elas mexeram com a imaginação de toda uma geração de escritores de ficção científica."

Clarke começou a escrever suas histórias de ficção científica para a revista da sua escola de Taunton. Impossibilitado de entrar para a universidade por falta de dinheiro, mudou-se para Londres aos 19 anos, e arranjou um emprêgo público como contador. Passou também a fazer parte de um pequeno círculo de fãs da ficção científica, que se reuniam nos *pubs* e eram olhados como malucos suspeitos. O grupo tinha formado uma organização sob o pretensioso título de Sociedade Interplanetária Britânica. "Éramos uma dúzia de rapazes, a maioria na casa dos 20 anos", recorda Clarke com ternura. Embora nenhum dos jovens entusiastas tivesse realmente a menor instrução científica ou técnica, gradativamente elaboraram um projeto de construção de uma espaçonave capaz de levar três homens à Lua e trazê-los de volta à Terra. Mas ninguém deu muita atenção a isso, a não ser para zombar. Não seria surpresa sabermos que a idéia então aparentemente ridícula é assombrosamente semelhante aos verdadeiros veículos que estão sendo usados atualmente nos vôos espaciais.

Ao terminar a Segunda Guerra Mundial, Clarke matriculou-se no

Fim dos sabonetes com perfume de sabonete.

Kings College de Londres. Dois anos mais tarde formou-se com distinção e louvor em Física e Matemática Pura e Aplicada. Dispunha agora dos conhecimentos científicos que deviam acompanhar a ficção que vinha escrevendo desde a adolescência, e começou logo vendendo suas novelas de ficção científica às revistas mais importantes. Seu primeiro livro, *Vôo Interplanetário*, foi publicado em 1950, e desde então vem lançando tanto livros de ciência propriamente dita como de ficção científica em escala assombrosa. Hoje é provavelmente o escritor de ficção científica mais bem pago e mais conhecido do mundo inteiro.

Criando Baleias. Embora tenha prosperado, Clarke vive com extre-

ma simplicidade. Divorciado de sua esposa norte-americana e sem filhos, vive num bairro elegante de Colombo, capital de Ceilão. Veste-se com simplicidade, não fuma, toma só um drinque de vez em quando e não se importa com comidas.

É bastante estranho para uma pessoa que tanto escreve sobre atividades extraterrestres que as verdadeiras aventuras de Clarke tenham sido quase tôdas submarinas. Com Mike Wilson, ex-pára-quedista do Exército britânico, êle passou um ano em 1954-55 praticando pesca submarina ao longo da Grande Barreira de Arrecifes da Austrália. Conquanto tenha perfurado o tímpano numa dessas pescarias, seu entusiasmo pelo mergulho não diminuiu.

Vinólia tem perfume de perfume.

Os sabonetes e talcos Vinólia custam um pouquinho mais. É esse pouquinho mais que paga a diferença de perfume.

Sandalwood, Eau de Cologne, Pine, White Lilac.

Você paga um pouquinho mais. Mas tem um gostinho na vida.



Acredita que o mar se tornará cada vez mais importante como fonte de alimentos, riquezas minerais e outros recursos, e está fascinado pelas possibilidades submarinas, como, por exemplo, a criação de baleias. Na sua novela *Ilha do Golfinho*, Clarke descreve o treinamento e natação com orcas, que êle propõe sejam usadas como "cães-pastôres" oceânicos.

Clarke perdeu a relativa calma das profundezas oceânicas em 1964, quando Stanley Kubrick, produtor-diretor de cinema e seu fã há muito tempo, induziu-o a trabalhar com êle em *2001: Uma Odisséia no Espaço*. O filme, que fêz grande sucesso, foi inspirado num conto de Clarke, posteriormente refundido numa novela que foi um grande êxito de livraria.* A fim de captar as fantásticas visões do futuro espacial, apresentadas por Clarke, Kubrick contratou 36 técnicos de 12 países. A produção foi tão complexa que se tornou necessário instalar uma sala especial de operações com quatro homens para coordenar as atividades da unidade de produção composta de 106 homens. Resultado: um dos filmes tècnica-mente mais complexos e visualmente mais deslumbrantes já produzidos.

Terminada a filmagem, que levou quatro anos, Clarke voltou novamente ao seu costumeiro ciclo agitado de atividades, e está produzindo uma série de documentários para a televisão. Embora prefira atualmente escrever ficção científica em vez

de ciência exata (provavelmente porque isso proporciona um campo mais amplo à sua imaginação inquieta), êle é aceito por cientistas ilustres como um de seus pares. É também orador freqüente em reuniões científicas. A Sociedade Interplanetária Britânica tem agora renome universal nos círculos científicos, e êle já foi seu presidente por duas vèzes.

"Não Haverá Restrição . . ."

Muitos dos avanços mais importantes que Clarke prevê serão efetuados pelo satélite de comunicações. A facilidade de comunicação rápida proporcionada por êsses satélites, acredita êle, eliminará a necessidade de as pessoas se reunirem para efetuarem transações comerciais. Êle imagina o dia em que um homem de negócio—em Nova York, Londres ou Ceilão—poderá sentar-se diante de um centro de comunicações do tamanho de uma escrivaninha e executar o seu trabalho diário sem sair de casa. "Posso imaginar a época em que até um neurocirurgião poderá viver num lugar e operar pacientes no mundo inteiro por meio de mãos artificiais de contrôle remoto", diz êle.

Mas talvez o maior papel do satélite de comunicações, pensa Clarke, seja levar a educação a milhões através de transmissões diretas de televisão para residências ou escolas. "A África, a América do Sul, mesmo a China poderiam tornar-se acessíveis às transmissões diretas de televisão", assinala êle. "Populações inteiras poderiam ser, dessa forma, incorpora-

* Publicado no Brasil pela Editora Expressão e Cultura, em 1968.

das ao mundo moderno.” Êle calcula o custo da educação do povo por êsse método nos países subdesenvolvidos em pouco mais de dois dólares anuais por aluno.

Acima de tudo, pensa Clarke, o mundo dos satélites de comunicações será um mundo só. “A longo prazo”, diz êle em *A Promessa do Espaço*, “o Comsat (Satélite de Co-

municações) será mais poderoso do que o ICBM (Míssil Balístico Intercontinental). Êle fará o relógio retroceder ao instante anterior à construção da Tôrre de Babel—quando, segundo Gênesis 11, disse Jeová: ‘Eis que o povo é um só, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o comêço: agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer’.”



Almanaque da Pobre Mulher

A BREVIDADE é a alma de uma conta telefônica razoável.

QUANDO a gente janta fora, e a sobremesa “está incluída”, é difícil decidir se é melhor perder o dinheiro ou ganhar os quilos de pêso.

TÔDA mulher deveria ter—pelo menos uma vez na vida—a oportunidade de ser a mulher mais bonita da sala.

AS PESSOAS que ficam na cozinha dizendo: “Que posso fazer para ajudar?”, geralmente não podem.

UMA DAS melhores coisas nos noticiários de TV é que, se a gente não tiver tempo para assisti-los, não ficam empilhados pela casa.

A GENTE tem de ter pena de uma pequena de 21 anos hoje em dia. Ela passou a vida tôda querendo ser gente grande para poder usar batom e saltos altos, e agora que ela já é grande . . . êles saíram de moda.

A DIFERENÇA que há entre o trabalho de escritório e o trabalho doméstico é que a gente não pode amontoar tudo o que deixou de fazer em casa e socar dentro de uma gaveta, às cinco horas.

O VERDADEIRO segredo de parecer jovem é ser jovem.

Ê DIFÍCIL para uma mulher que está esperando por alguém num restaurante não parecer que está com mêdo de ter levado um bôlo.

POR ESTRANHO que pareça, as coisas mais seguras de serem discutidas são a política e a religião. São as questões *sem importância* que separam os amigos.

—Beryl Pfizer, condensado de *Ladies' Home Journal*